



O Clericalismo Medieval na Literatura: a cópula do feminino e o diabólico, um vislumbre da Imagem Precursora da Bruxa em *A Demanda do Santo Graal*

Francisco de Souza Gonçalves

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, Brasil¹

RESUMO: Este artigo tem por fito refletir sobre a imagem da bruxa, concebendo-a como um construto gradativo do misoginismo clerical, existente em menor escala no Medievo. Pretende-se, aqui, trilhar as vias de uma abordagem histórico-literária do ilustrativo episódio da Filha do rei Hipômenes da obra medieval *A Demanda do Santo Graal*, que adjunge tanto heranças misóginas pregressas, quanto a ânsia clerical de controle e configuração do feminino com Eva e, por vezes, com o próprio demônio, que eclodirá ulteriormente na massiva caça às bruxas promovida na Idade Moderna. Tomar-se-á como parâmetro o protótipo de “bruxa”, conforme se vê em sua versão “acabada” no século XV, através da obra *Malleus Malleficarum*, o *Martelo das Feiticeiras*.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Média, História das Mulheres, bruxas.

ABSTRACT: This article has for aim to contemplate on the witch's image, conceiving her as a gradative construction of the clerical misoginism, existent in smaller scale in Medieval Age. It is intended, here, to tread the roads of a historical-literary approach of the illustrative episode of The king's Hipômenes Daughter of the medieval work *A Demanda do Santo Graal*, which bring so much past misogynistic inheritances, as the clerical anguish of control and configuration of the feminine with Eva and, per times, with the own demon, that will emerge later on in the massive it hunts the witches promoted in the Modern Age. It will be taken as parameter witch's prototype, as it is seen in his version "ended" in the century XV, through the work *Malleus Malleficarum*, *The Hammer of the Witches*.

KEYWORDS: Middle Age, Women's History, witches.

¹ Pesquisador do CNPq, no Grupo de Pesquisa: *Estudos de Língua e Literatura Latinas*, vinculado à Universidade Católica de Petrópolis (UCP), com uma pesquisa voltada para a Literatura Medieval e o encontro da Literatura com outros campos do saber, principalmente no que tange ao tema do Feminino e do Amor na Literatura Latina e Universal.



Considerações Iniciais

Segundo Hilário Franco Jr. (2006), a Organização da Inquisição se dá entre 1184-1229. No período medieval, ela é incipiente, todavia, já no Baixo Medievo este destacamento eclesiástico irrompe os limites de sua ação e se expande: “o processo misógino efetivado na Idade Média ganha força de lei por meio dos manuais de caça aos hereges”. A figura do herege começa a se destacar e com isso, a imagem da bruxa, já formada e composta, construída no período medieval. É isso que será analisado através do Episódio da filha do rei Hipômenes, de *A Demanda do Santo Graal* (DSG). Além disso, pretende-se contextualizar a obra dentro do período histórico-social em que está inserida, levando em conta a fortíssima ideologia clerical e as manifestações artísticas deste grupo, ou como diria Georges Duby, que seja concedida voz à classe dos *oratores*.

A personagem em questão é extremamente controversa. O trecho da Novela que narra o caso que se aborda é curtíssimo, porém marcante. A seguir, destacar-se-á alguns trechos que dão uma idéia ao leitor do que seria este construto da bruxa dentro deste “capítulo” d’*A Demanda do Santo Graal*.

Nos séculos XV e XVI, o processo de construto de uma mentalidade misógina eclode no genocídio mundial, promovido pelo Tribunal da Santa Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício. Tal Tribunal tinha por objetivo precípua o combate de heresias e de hereges, tanto homens quanto mulheres: antes, o que era ameaça alienígena, com exceções aos movimentos do século XII, torna-se uma “febre coletiva”. Assim, apesar de “as bulas papais não fazerem distinção de gênero ao fomentarem a repressão, a maioria esmagadora dos réus era constituída por mulheres” (MALEVAL, 2004). O feminino estigmatizado tornou-se o principal alvo, as mulheres tornaram-se a principal vítima das fogueiras inquisitórias.

A prática da feitiçaria ou magia, isto é, do que se delimita como práticas pagãs, e depois foram chamadas de bruxaria passa a ser a meta da repressão; o termo *bruxaria* implicaria relação direta com o demoníaco e penetraria ou o campo do satanismo ou do paganismo sincrético: superstições, sortilégios, ritos camponeses, etc.

Salienta-se que já na década de 1320, o papa João XXII promulgou uma bula condenando a magia ritual, tomando-a por diabolismo e heresia.



A seguir, buscar-se-á demonstrar, brevemente, a construção do estereótipo feminino do mal, numa tentativa de jungir história e literatura nesta investigação.

Considerações iniciais sobre a Misoginia na Idade Média

Analisar-se-á sucintamente como a sociedade teocêntrico-fundamentalista medieval via a mulher e qual era o padrão comportamental instituído pelos clérigos para o sexo feminino neste período. Muito deste padrão, como será visto, deve-se, principalmente, à mentalidade teocêntrica, profundamente influenciada pelo legado patrístico e por heranças clássicas. De início pode-se afirmar, iremos abordar esse assunto mais solidamente a seguir, não vemos a identidade feminina no Medievo de forma redutora ou simplista, apesar de isso ser uma constante entre os autores aqui citados. Encaramos “bipolaridade” como “polidimensionamento”. Entre Ave e Eva, existiria a mulher comum, terrena, matizada, também passível de ser retratada na literatura. Obviamente, não na literatura clerical, já que esta tem um objetivo definido de moralizar e propugnar modelos estabelecidos por uma ideologia. Dessa forma, cita-se a afirmação da medievalista Andréia Frazão da Silva em artigo elogioso ao estudo não-monocórdio do feminino Medieval:

Sem configurar-se como um estudo de gênero, o mérito deste trabalho é justamente questionar a “monocórdia imagem misógina do período”, contribuindo, assim, para desconstruir os discursos de gênero hegemônicos no período medieval que enfatizam apenas a produção clerical, oferecendo assim uma visão parcial da imagem feminina do período em questão.

Durante a Idade Média, as questões concernentes à mulher foram objeto de numerosos didáticos, que abordavam, num campo de controvérsias, as virtudes e os defeitos femininos. Em linhas gerais, o padrão comportamental que regia a postura feminina ideal na época medieval era determinado pelos didáticos cristãos, visto que a Igreja ainda conservava boa parte do monopólio da escrita. Esses autores, baseados na interpretação das escrituras, vigentes no medievo, ditavam as normas para o procedimento da mulher no âmbito social.



O eixo mais sólido do sistema de valores a que se fazia na casa nobre para conduzir-se apoiava-se sobre este postulado fundado na Escritura: que as mulheres, mais fracas e mais inclinadas ao pecado, devem ser trazidas à rédea (DUBY; ARIÈS [orgs.], 1990).

O homem deveria ser o maior dentro da família e da sociedade, toda a organização institucional na Idade Medieval repousaria sobre a figura paterna, na célula familiar, a mulher e os filhos estariam sujeitos ao poder e domínio masculinos. Principalmente a esposa é quem deveria obedecer-lhe cegamente, “apesar de suas responsabilidades como dona de casa, em suas relações com o mundo as esposas estavam submetidas ao belprazer dos maridos” (DUBY; ARIÈS, 1990).

Filipe de Novare escreveu, em meados do século XIII, sobre os deveres da mulher e sobre os cuidados que sua educação exigiria. A primeira virtude a ser ensinada às meninas seria a obediência, pois a mulheres “foram feitas para obedecer”: “Não convinha ao sexo frágil, saber ler ou escrever. Cabia à mulher aprender a fiar e a coser. A modéstia, o recato, a honestidade devem inspirar todas as ações da jovem”. Eis, resumidamente, alguns dos mais importantes elementos que, segundo Novare, caracterizariam o tipo da mulher da mulher ideal da época².

Aborda-se aqui o âmbito familiar, pois este era o lugar a que se restringiria, segundo a norma dos didáticos medievais, o espaço onde a mulher poderia circular. Todavia, até mesmo neste espaço, sua liberdade era limitada. A mulher, nessa mentalidade, constituía “uma ameaça contra a ordem estabelecida”, pois, conforme salienta Georges Duby, “o poder patriarcal sobre a feminilidade via-se reforçado, porque a feminilidade representava o perigo” (DUBY; ARIÈS, 1990). O autor ainda complementa:

No espaço doméstico, o perigo era principalmente percebido como vindo insidiosamente das mulheres, portadoras do veneno, dos sortilégios, da cizânia, e dos desfalecimentos, as doenças inesperadas, os falecimentos sem causa aparente (...) Tudo aparecia como artimanhas das mulheres, e da dama em primeiro lugar. (DUBY; ARIÈS [orgs.], 1990).

Reiteramos que tal visão, claramente dominada pela misoginia e opressão do feminino por parte dos homens e instituições, era tido como moralmente aceitável pelo clero, como uma norma de conduta a ser seguida, principalmente, pelas damas das

² Ao se ler o Episódio em análise, se constatará que a Filha do Rei Hipômenes quebra todos os padrões aqui listados.



classes mais altas, as nobres. Fala-se, aqui, no que era tido como padrão *comportamental ideal* pela ideologia da prelazia radical, e, não o que na prática, necessariamente, ocorria, pois tal ponto ainda apresenta controvérsias entre os historiadores. E, algumas mulheres, notórias, justamente por isso, desobedeciam a este padrão pré-estabelecido.

Paolo de Certaldo, moralista medieval, afirma:

A mulher é coisa vã e frívola (...) Se tens mulheres em casa, vigia-as de perto; dá freqüentemente uma volta por tua casa e, enquanto te dedicas às tuas ocupações, mantém-nas (essas mulheres) na apreensão e no temor (...) Que a mulher imite a Virgem Maria, que não saia de casa a tagarelar por todo lado, para trazer de olho os belos senhores e dar ouvidos às vaidades, não, ela permaneça encerrada, fechada, no segredo de uma casa como se deve (CERTALDO, s.d. apud DUBY; ARIÈS [orgs.], 1990).

Duby conclui o tópico aqui abordado, afirmando que “a sociedade doméstica era então atravessada por uma separação nítida entre o masculino e o feminino, institucional, e que repercutia sobre a maior parte dos comportamentos e das atitudes mentais (DUBY; ARIÈS [orgs.], 1990).

Há uma importante dicotomia entre os sexos, enraizada na ideologia clerical, que também deve ser observada, influenciando, profundamente, o protótipo da bruxa desenvolvido entre os séculos XV e XVI. É a dicotomia que diz respeito à carne a ao espírito, cuja origem remonta crenças não só baseadas no patriarcalismo judaico, mas também nas teorias filosóficas da Grécia Antiga de desapego à sensualidade, aos sentidos (platonismo), rejeição à carne, e, principalmente uma sexização desta como feminina. Sendo o cristianismo também um herdeiro destas significativas influências culturais misóginas, observar-se-á que a nova religião as corrobora e inclui tais conceitos entre suas prescrições morais ao neófito. Rose Marie Muraro salienta:

O dualismo platônico mente/corpo, razão/emoção, que foi base de todo o pensamento ocidental nesses últimos três mil anos (...) serviu apenas como racionalização do exercício de poder expresso nas relações senhor/escravo, homem/mulher, opressor/oprimido, etc. (MURARO, 2000).

Assim, chegando ao período patrístico, poder-se-á observar uma cristalização da visão antagônica entre carne e espírito ligada ao gênero: a misoginia do mundo



helênico, mais mágica e fisiológica, passa a uma misoginia teologizada no cristianismo nascente (BLOCH, 1995). O homem seria o representante do espírito, da elevação através da razão, enquanto a mulher é, como na Antiguidade, ligada à carne, aos aspectos físicos e sexuais: a carne, passa aí, pelo processo de sexização: é feminina.

Com o Cristianismo isso se agrava. A sexização da carne conduz a mais um fator causador de misoginia, que leva à configuração da mulher como a *porta do diabo* (*ianua diaboli*): o ascetismo, que ganhará grande voga nos inícios do cristianismo, principalmente através dos movimentos monacais, fomentará uma negação da carne e, por conseguinte uma exacerbação do antifeminismo. Muraro estabelece tal relação da seguinte forma: “a objetividade tem haver com o ascetismo, que vem por sua vez de uma negação do corpo e, portanto, da rejeição da mulher” (MURARO, 2000).

Todavia, o próprio cristianismo oferecerá novas contradições, já que afirma a superioridade dos “últimos” sobre os “primeiros”, da “ovelha perdida” sobre o restante do “rebanho”, do filho pródigo sobre o sédulo. O que se quer mostrar é que numa expressão antifeminista por excelência, que se dá obviamente através de assertivas preconceituosas dos primeiros Padres leva a uma nova relação antitética do feminino: o cristianismo imporá uma nova e confusa articulação entre os gêneros.

Com efeito, na medida em que a fragilidade da carne é remetida para o lado feminino, ela acarreta, através da inversão de valores de fraqueza e força, sinônimos no catolicismo primitivo, a possibilidade de as mulheres serem mais fortes do que os homens (...) Portanto, as mulheres são consideradas candidatas especiais à salvação, uma vez que, de acordo com a dicotomia que coloca o homem do lado do espírito e a mulher do lado dos sentidos e da sedução, os homens, estritamente falando, têm menos a superar para serem redimidos (BLOCH, 1995).

A mulher também será vista como a *esposa de Cristo*, aquela que pode ser fazer incrivelmente santa, suplantando todas as suas “más tendências” e se tornando até superior aos homens por isso: aqui entra o importante papel de Madalena no contexto religioso medieval. Multiplicam-se no período da Patrística os escritos sobre as santas mulheres que foram mártires e virgens, com feitos grandiosos em nome do Cristo Triunfante então difundido na época. Isso tudo ao mesmo tempo em que se via o sexo feminino como um retrato da falsa lógica, um sofisma, que derrota tanto a gramática quanto a dialética, ciências tidas como as da verdade – a mulher era incontável, não-



confiável, apelativa e até enganadora dos sentidos: note-se que Eva convence Adão a comer do fruto proibido através de suas palavras. (BLOCH, 1995). Dessa forma, justapostas às inúmeras imprecações contra o sexo feminino engendradas pelos Padres da Igreja, encontrar-se-ão, facilmente, elogios a mulheres que foram santas: “encontram-se entre os Padres muitas descrições positivas de mulheres lado a lado com o retrato mais abstrato da feminilidade” (BLOCH, 1995). A transposição de tantos obstáculos para a santificação poderia fazê-la até mais santa que o homem: é a mulher no “entre”, humanizada, porém dentro das devidas delimitações, isso atrai as mulheres pela possibilidade de ascese. Em outras palavras: A virtude mariana e da “heróica” superação feminina acaba sendo um pólo de atração às mulheres no cristianismo primitivo:

Não só é a mulher que é salva mais santamente do que seu congêneres masculino, mas também é uma mulher que carrega a possibilidade de salvação. Maria, a redentora de Eva que a liberta da maldição da Queda, é um dos grandes temas da era formadora cristã e um esteio da atração do cristianismo (BLOCH, 1995).

É imperativo estabelecer preponderante diferença entre a misoginia cristã e a misoginia clássica (pagã, Greco-romana). Diferenciam-se, basicamente, por ser a primeira “teologizada”, isto é, pensadas, fundadas, nas premissas de uma interpretação fundamentalista dos textos bíblicos.

As conseqüências da misoginia teologizada praticada e apregoada na época patrística terá sérias conseqüências para a Idade Medieval que estava por nascer. Não só contribuirá, significativamente, para a formação das mentalidades deste período, mas para a contrução dos *topoi* antagônicos, que farão presença simultânea no medievo e causarão a marginalização e uma opressão ostensiva do sexo feminino, como padrão comportamental reflexivo do teocentrismo imperante.

A atitude cristã simultaneamente bivalente torna o feminino tão abstrato que a mulher (não as mulheres) só pode ser concebida como uma idéia e não como um ser humano. Ela polariza a definição do feminino a tal ponto que as mulheres são empurradas para as margens, excluídas do meio (...) afastadas da história. Novamente, isto não é para negar a importância de mulheres individuais no âmbito da Igreja Primitiva, ou a importância de mulheres místicas no final da Idade Média (BLOCH, 1995).



Tendo em vista todas estas considerações, constata-se que a visão medieval do gênero feminino terá raiz em muitas tradições pregressas, mas principalmente na patrística. Não só a misoginia medieval como a idealização da mulher, que se dará na Europa Medieval tanto pelo culto mariano como pelo amor cortês, tendências cujas características influenciarão fortemente, não só a tradição literária arturiana, mas toda a literatura do Medievo.

A Mater Ecclesiae a partir do ano 1000 e a Cultura: Caminhos da Misoginia Clerical

Penetrando num campo mais extradiegético, é possível analisar o terreno em que *A Demanda do Santo Graal* (DSG) foi composta. Há de se levar em conta fatores como a contribuição da clericalização aguda, vigente no século XIII, assunto do qual falamos superficialmente. Esta seria produto de um contexto de pós-reforma gregoriana, quando a institucionalização da Igreja lança raízes e quando a chamada “Sociedade Repressora”, conforme afirma o medievalista Robert Moore³, estabelece-se ideológica e sócio-culturalmente, dando à Inquisição munição para seus primeiros passos em direção ao genocídio que estava por vir, fomentando, também as Cruzadas, que se tornam realidade de embate político e cultural desde 1095 (Concílio de Clermont), cujo fruto direto, a cavalaria (classe dos *miles*⁴, camada dos *bellatores*⁵, que ganhou significativa importância), precisava ser moralizada, através de um apregoamento da obediência à Igreja (MOISES: 1973) e um enquadramento social emergencial; obediência, esta, aliás, já gestada séculos antes com a convocação à “Paz de Deus⁶” (ou “Trégua de Deus”).

Como uma narrativa não se desenharia sob o significativo traço desses moldes? Como não sofreria profundo processo de clericalização (FRANCO Jr.: 2006)?

Quanto ao misoginismo dentro dos umbrais eclesiásticos, vemos que há muito já vinha sendo gestado no seio da *Mater Ecclesiae*, e vai ao encontro dos anseios do

³ Postula que a repressão ocorrida no Medievo Central teria sido produto de uma sociedade (coletividade) que facultou tais práticas, sem que tenham sido, necessariamente, atos de um grupo pequeno de indivíduos ou provenientes de estamento específico. MOORE, Robert. *La formación de una Sociedad Represora: Poder y disidencia en la Europa occidental*. Barcelona: Crítica, 1989.

⁴ DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (p.28)

⁵ DUBY, Georges. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1993. (p.181)

⁶ Op. Cit. (p.180).



“dominador”, do “repressor” – membro do clero ou não, quem legitima determinada ideologia é toda uma sociedade, não só um órgão dela – numa incansável tentativa de erradicar de vez o substrato pagão e estabelecer-se como única autoridade religiosa na Idade Média, posto que, numa lógica de pensamento, era a própria Igreja quem ganharia mais com isso: “segundo Bakhtin, esta visão de mundo, elaborada no correr dos séculos pela cultura popular, se contrapõe, sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e severidade da cultura das classes dominantes”. (GINZBURG, 1987)

É imperativo salientar que as áreas culturais acabam por entrecruzar-se. Franco Jr. (2006) denomina tal fenômeno de “reequilíbrio da Idade Média Central”: “com as acentuadas transformações sociais, políticas, e econômicas ocorridas a partir do século XI, foi quebrada a clara predominância desfrutada pela cultura clerical na fase anterior. A cultura vulgar ressurgia com força”. Deste encontro, a cultura intermediária sofre a influência de ambas as áreas culturais: o “Renascimento do século XII (...) significou a recuperação e revalorização da cultura Greco-Latina [cultura erudita], mas também, ao mesmo tempo a reemergência de uma cultura folclórica”, ou seja, “não é globalmente expressão da cultura erudita, e sim da cultura intermediária”. É assim que neste tipo de literatura, provindas da classe intermediária, podemos notar elementos da ideologia clerical e de “reação” folclórica, concomitantemente.

A “Reação Folclórica” do século XI será duramente sufocada pela intervenção do duplo Igreja-Classes Dominantes. A já citada *Supper Illus Specula* é promulgada no século XIV, por João XXII, postulando verdadeiro entrave e condenação a qualquer prática religiosa ligada à magia ritual, ou costumes pagãos, o que acontecia, principalmente, na cultura subalterna⁷; práticas, estas, que sempre existiram no folclore – ritos de fertilidade, culto de Jano, oferendas nas fontes –, tudo foi estigmatizado como “pactos com demônio”; e, em 1398, a Universidade de Paris corroborou todas estas premissas e aderiu à posição papal (MALEVAL, 2004). É importante destacar a assertiva de Rose Marie Muraro (2000), quando falamos de toda uma classe dominante coadunada no processo inquisitorial, sem eximir a principal gestora do acontecimento, a Igreja, de qualquer “culpa”: “os quatro séculos de perseguição às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário foi uma perseguição muito bem

⁷Daí o principal alvo dos Tribunais serem, além das mulheres, pessoas pertencentes à cultura subalterna.



calculada e planejada pelas classes dominantes, para chegar à maior centralização do poder”.

O campo estava semeado e germinando para o que haveria de vir:

Por exemplo, com base em arquivos judiciais foram documentados 288 casos de bruxaria no Norte da França entre meados do século XIV e finais do XVII, numa proporção de 82 mulheres para 100 casos (apud SALLMAN, 1992). No século XV, a perseguição das bruxas chegaria ao seu apogeu, ocorrendo o auge das fogueiras entre 1455-60 e 1480-85 [já Idade Moderna]. (MALEVAL, 2004)

A Demanda do Santo Graal: Breve Histórico

Poder-se-ia afirmar que, mesmo com preponderantes heranças pagãs a, já cristianizada⁸, lenda arturiana sofre tal processo e muitas obras ganham um cunho altamente moralístico e didatizante, com o modelo de cavaleiro herói-santo e não mais o de destemido homem apaixonado (os esquemas de amor eram freqüentes na maioria das fases anteriores), o que se reflete diretamente no papel desempenhado pela mulher na tecitura narrativa. Todavia, apesar da clericalização ter sido “de peso”, encaramos todo esse processo como apenas mais uma “camada-sedimento”, mais um verniz, sobre o enredo arturiano “baseado em lendas e contos folclóricos célticos” (FRANCO Jr.: 2006).

Tal redistribuição narrativa, que, diga-se de passagem, já era costumeira no que tangia à lenda artúrica (oral⁹ ou literalizada), ocorre. Reitera-se que, como consequência direta, o caráter diegético modifica-se, distando, significativamente, daquele buscado em outras “fases”¹⁰. Aqui, teria ocorrido o “polifrontismo” expresso, pois, apesar de tudo, “ecos” sem número, principalmente célticos, ainda reverberariam com força,

⁸ Aventa-se que a cristianização tenha ocorrido no ano de 1220 na França.

⁹ Deixamos claro que ao se falar em “literatura”, no que tange ao universo arturiano, levamos em conta o importante processo de literatura oral que permeou a Idade Medieval, todavia, o *corpus* de nossa pesquisa são as manifestações fixadas em narrativa. (cf. ZUMTHOR, Paul. *Prefácio a Abelardo e Heloísa in Correspondência de Abelardo e Heloísa*. (trad.) Luciana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2000).

¹⁰ Em estudo bem interessante, Antonio Furtado agrupa em diversas “fases” o *corpus* literário arturiano. (cf. FURTADO, Antonio (org./trad.). *Introdução: A Matéria da Bretanha e a Távola Redonda in Aventuras da Távola Redonda: Estórias Medievais do Rei Artur e seus Cavaleiros*. Petrópolis: Vozes, 2003)



mesmo que sob disfarce cristão, pois tais “ecos” altissonantes é que fariam a Matéria Bretã objeto de tamanha paixão por parte de seus leitores: a criação das personagens “a todo o momento cruza-se com a magia céltica, como se verifica em outros romances arturianos (...) a herança mágica entrecruza-se com o universo cristão” (MICHELLI in MALEVAL [org.], 2001).

Contudo, quando falamos da DSG o que patenteia-se é a forte matiz que o verniz cristão toma na obra. As proporções da clericalização são contundentes e irrefutáveis, principalmente no que tange ao feminino. Poder-se-ia dizer que, nas personagens femininas, um *polifrontismo* teria se acentuado, dada a articulação de gêneros vigente no medievo: personagens como Maria, Eva, Maria Madalena, deidades pagãs campestres, mulheres do Antigo Testamento, ícones de santidade do Cristianismo (masculinizadas e operadoras de “maravilhas”) e, até mesmo, Lilith (provinda do mais antigo lendário oriental) habitavam o imaginário medieval, especialmente o da cultura intermediária, mais próxima da “vulgar”, em que se alocava a Matéria da Bretanha (FRANCO Jr.: 2006)¹¹. A mulher aparece, simultaneamente, como *ianua diaboli* (Eva), *ianua coeli* (Maria); pecadora convertida, próxima dos homens, um meio-termo, entre dois extremos (Madalena); ou, ainda, carnalmente divinizada em sua feminilidade na retórica do *Fine Amours* – numa clara polidimensão da Mulher. Em *A Demanda do Santo Graal*, apesar da misoginia prevalente, temos, ao mesmo tempo: monjas, principalmente a justíssima abadessa, que criam o irrepreensível Galaaz (representações assexuadas, virginais e marianas); as donzelas que choram seus amados perdidos, que vão à Demanda, mulheres de carne e osso, humanizadas; e, por fim, o protótipo da bruxa moderna, a filha cruel e caprichosa de Hipômenes. Este polidimensionamento do feminino de algumas personagens femininas d’*A Demanda do Santo Graal* seria um produto de embate entre substratos, contexto sócio-cultural e remodelagem cristã, conforme já ficou suficientemente claro. Baseados em Duby, vale ressaltar que a idéia misógina do clero também não era tão homogênea quanto pode parecer, o autor afirma, peremptoriamente, em *Eva e os Padres* (2001):

www.veredasdahistoria.com

¹¹ Franco Hilário Jr. versa sobre as áreas culturais na Idade Média: erudita, vulgar e intermediária. *Idade Média no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.



Falei por várias vezes da Igreja como se a instituição eclesiástica formasse um corpo homogêneo.(...) Essa maneira de escrever pode ter feito esquecer que nem todos os bispos, abades, mestres partilhavam a mesma visão de mundo e, especialmente, dos pecado. Todos haviam escutado as mesmas lições, eram todos confrontados com os mesmos problemas, estavam preocupados em ordenar a sexualidade social. No entanto, os defensores da virgindade, os obcecados pela mácula sexual, seguiam ao lado de outros menos exaltados convencidos de que a natureza não é tão má e de que é bom dar lugar sensatamente ao sexo.

Mesmo levando em conta que a DSG é matéria ficcional procedente de diversas fontes – literárias ou não – com contribuições oferecidas pela realidade histórica (já exposta), numa interrelação texto/contexto, que define qualquer obra literária (MONGELLI: 1992). No episódio que será abordado, prevalece o clericalismo misógino da sociedade repressora, de base, profundamente, teocêntrico-fundamentalista, que pinta o feminino como intrinsecamente aparentado do demoníaco.

A seguir transcreve-se o texto em estudo, extraído da obra de Heitor Megale, traduzida do galaico-português.

O Episódio da Filha do rei Hipômenes

Houve um tempo em que houve nesta terra um rei que tinha nome Hipômenes. Aquele rei tinha uma filha tão formosa, que em todo o reino de Logres, não havia tão formosa pessoa. A donzela tinha um irmão de vida tão boa e tão gloriosa para Nosso Senhor que maravilha; e com tudo isto era tão formoso e tão sisudo e tão boa graça que não há quem o conhecesse, que não se maravilhasse de sua vida e de seus feitos. E era muito letrado, mas a donzela mais, porque tinha os melhores mestres do mundo que lhe ensinavam as setes artes quanto mais podiam. Quando chegou à idade de vinte anos, ficou tão entendida e tão sábia, que todos se maravilhavam de sua sabedoria, e nada lhe saberiam perguntar de ciência a que ela não respondesse longamente; mas não estudava em nenhuma arte de tão bom grado como necromancia. A donzela era de bela aparência e alegre e tinha maior gosto pelo mundo do que deveria ter. E quando conheceu o que era amar, amou seu irmão pela beleza e pela bondade que nele havia. Que vos direi? Tanto o amou que não pode suportar que lho não dissesse. E aquele que era virgem e o queria ser em todos os dias de sua vida e se punha a servir a Nosso Senhor com todas as suas forças, teve grande pesar e disse a sua irmã para espantá-la:

- Vai, desventurada, nunca mais mo digas, porque te farei queimar.

E ela teve grande pavor e vergonha de sua ameaça e calou-se toda inibida e sandia (...) Ela tentou todas as maravilhas que pode, tanto pela ciência quanto por outra coisa para o ter, mas não pôde. E disse então:

- Mais vale matar-me do que viver neste sofrimento.

Então pegou uma faca (...) foi (...) numa fonte, que lá havia e queria matar-se para sair de sua aflição. E apareceu o demo em figura de homem tão formoso e tão bem feito que maravilha. E quando viu que se queria matar, disse-lhe:

- Ai! Donzela, não vos mateis, mas esperai até que fale convosco.



E ela ficou espantada, mas não muito, e deteve seu golpe e disse-lhe:

- Quem sois?
- Sou um homem, disse ele, que vos amo muito e vos prezo sobre todas as donzelas que conheço, e pesa-me muito, porque não podeis ter o que desejais. (...)
- E quem sois, que sabeis o que desejo e não posso ter?
- Eu o sei bem, disse ele, e vo-lo diria se soubesse que vos não pesaria.
- Dizei-mo, disse ela, eu vo-lo rogo.
- De bom grado, disse ele, pois vos apraz. Amais vosso irmão tanto, que por pouco não vos perdeis por ele. E por isso vim aqui. Se quiserdes fazer o que eu vos rogar, vo-lo farei ter a vossa vontade logo. (...)
- Sei bem que sois mais sisudo do que se poderia imaginar, porque sabeis o que homem e mulher não poderiam saber, fora eu e meu irmão; e por isso concordo em fazer tudo que quiserdes e disserdes.

E ele prometeu. Depois disse-lhe:

- Ora vos peço que me deis vosso amor em penhor de terdes o que tanto desejais.
- Ai, disse a donzela, como faria isto? Já bem sabeis que amo meu irmão tanto, que morro por ele.
- Não pode ser de outro modo, disse o demo; ou fareis o que vos digo ou jamais o tereis.

E aquela, que era cheia de pecados e de desventura, concordou, mas muito contrariada; e ajudava muito nisto que lhe parecia o demo muito bem.

Deste modo entregou seu amor ao demo, e ele deitou com ela (...). E quando deitou com ela, teve ela tão grande prazer, que lhe esqueceu o amor de seu irmão (...). Um dia estava diante de uma fonte com seu amigo, o demo, e começou a pensar muito. E ele lhe disse:

- Que pensais? Pensais como poderíeis matar vosso irmão?
- Por Deus, disse ela, isso. E ora bem vejo que sois o homem mais sisudo do mundo, e rogo-vos por aquele amor que tendes por mim, que me ensineis como o possa matar, porque não há nada no mundo com que tanto me agradasse.
- Eu vo-lo ensinarei, disse ele. Mandai dizer a vosso irmão que venha convosco a uma câmara, e depois que estiverdes lá, fechai a porta, e então lhe demandai o que quiserdes. E ele não o quererá fazer. E agarrai nele e segurai-o bem, ele se enraivacará (...) e gritai, e todos os outros cavaleiros irão lá. Então podereis dizer que vos forçou e o rei o fará prender e fazer dele justiça e assim estareis vingada.

Bem como o demo disse ela o fez (...). Então começou ela a gritar:

- Valei-me! Valei-me!

E todos do paço correram para lá, e o rei Hipômenes também, e arrombaram a porta da câmara. E quando o rei viu assim sua filha, teve grande pesar e perguntou-lhe quem fizera aquilo.

- Senhor, disse ela, meu irmão que me escarneceu.
- Como? Disse ele, deitou contigo?
- Sim, disse ela, contra a minha vontade.

E o rei fez logo prender seu filho e metê-lo numa torre. (...)

- Deitou hoje contigo?
- Não, disse ela, mas muito tempo há (...)

E isto lhe dizia ela, porque se sentia grávida (...)

Assim meteu rei Hipômenes seu filho na prisão (...)

Rei Hipômenes (...) chamou seus ricos homens e os fez jurar que julgassem por direito seu filho. E eles juraram que por direito devia morrer. O rei perguntou a sua filha de que morte queria que seu irmão morresse.

- Quero, disse ela, que o deitem aos cães; e os cães, disse ela, estejam em jejum de sete dias (...)

Bem assim como ela mandou, fez o rei fazer. (...) disse [o irmão] a sua irmã (...)

- Irmã, sabes que me fazes morrer por injustiça (...). E ao nascimento do que trazes, aparecerá que não foi de mim, porque nunca de homem e de mulher nasceu tão maravilhosa coisa como de ti sairá; porque o diabo o fez e diabo trazes e diabo sairá em figura da besta mais descomunal que nunca se viu. E porque a cães me fazes dar, terá aquela besta dentro de si cães que sempre ladrarão em lembrança e em memória dos cães a que me fazes dar. E aquela besta fará muito dano em homens bons (...) até que o bom cavaleiro Galaaz, como eu, esteja na caça.

O rei fez guardar sua filha até que foi época de ter o filho (...). E a besta foi assim, que não houve quem no paço e no castelo, a pudesse segurar, e ia soltando os maiores ladridos do mundo. Quando o rei



isto soube, logo entendeu que era verdade o que seu filho dissera (...). Então mandou o rei pegá-la e a fez morrer de pior morte que seu irmão.

Os Defeitos Femininos e a Filha do rei Hipômenes: uma abordagem sócio-literária

Após a leitura do texto, é possível estabelecer algumas ilações sobre a construção da personagem principal.

Para os clérigos mais rígidos do medievo, ou para o que se tornará um senso comum na caça às bruxas, alguns defeitos inerentes ao sexo feminino, com uma natureza tão ligada à carne, que se opõe diametralmente à natureza masculina, ligada à razão, à inteligência. Todos os defeitos femininos estão ligados à suposta predisposição que existe na mulher: suplantação da carne sobre o espírito, do desejo sobre a inteligência, da sensualidade sobre a razão. Além disso, “a contraposição entre alma e corpo não só será reconfirmada na era cristã, mas será ampliada a brecha, com o predomínio do macho e a crença na inferioridade da mulher” (SICUTERI, 1986).

A curiosidade, a volubilidade e a beleza utilizadas para o mal (SANTOS, 2007) serão as linhas mestras de condenação do feminino, estes trazem outros, que ainda podem ser levantados:

a) Curiosidade e Volubilidade: a mulher portaria uma “contínua inquietude, curiosidade nunca satisfeita, uma instabilidade de humores e de afectos, que a leva a sempre procurar alguma coisa de novo”, esse defeito é a raiz dos males que traria o *Conhecimento*. Por ser curiosa, a Inominada (assim como chamaremos a Filha de Hipomenes daqui em diante), seria instável e quando adquire o conhecimento “das sete artes” (o que logo nos remete ao paganismo), utiliza-o mal, pois, “metaforicamente, corpo e espírito se corresponderiam: ‘a alma segue a constituição do corpo, as mulheres têm um corpo mole e instável, as mulheres são instáveis e volúveis na vontade e no desejo’”. (SANTOS, 2007 *apud* CASAGRANDE, 1990).

A dinâmica é a de Gênesis 2: Eva curiosa, busca o conhecimento, tem em si o fogo da inquietude, o que a torna mais susceptível às inspirações do Maligno, mais aberta a ele por sua natureza “volúvel na vontade e desejo”. Ao obter o Conhecimento,



mediante o fruto proibido, através das sugestões demoníacas, traz a danação de todo o gênero humano. Daí, a afirmação de Rose Marie Muraro (2000): “o texto fundante da cultura patriarcal para a sociedade ocidental é o segundo capítulo do Gênesis, porque nele a culpa básica do oprimido é exportada do homem para a mulher.” Por isso, a Inominada aceita os convites do Demônio e torna-se uma com ele, numa clara metáfora antonímica da Eucaristia Cristã.

b) A Beleza: Já em Ovídio, Cícero, Juvenal, Petrônio e em outros autores clássicos, por muitas vezes, a beleza feminina é desconjurada e sofre imprecizações. Essa beleza causaria a perdição dos homens: “apesar de, na Baixa Idade Média, a beleza ser algo bem visto pelo povo em geral, a Igreja fomentou a desconfiança na beleza feminina pelo poder que ela exercia sobre o homem”. É o estigma da devoradora de homens, os conhecidos “mitos da vagina dentada” tomam proporções escabrosas no inconsciente clerical medieval. A bela mulher conquistaria os homens pelos olhos deste, a beleza feminina já carregaria um feitiço congênito, a herdade das “filhas de Eva”. Tal predicado implicaria outros, como a inclinação à mentira, veleidades, dissimulação, leviandade e promiscuidade: “não apenas o incêndio se propagava, mas, o que era mais grave, a razão oscilava com a serenidade metafísica” (SANTOS apud LECLERCQ, 1990), o cavaleiro-santo, o prelado (“eunuco pelo reino”), os senhores feudais e a realeza claudicavam diante da beleza feminina, pois: “nenhuma mulher é bela impunemente nem sedutora inocentemente” (SANTOS apud LECLERCQ, 1990).

O caso se complicava quando a própria mulher, imbuída de Conhecimento, tinha ciência de sua própria beleza, é aí que a equação toma proporções perigosas na ideologia clerical: “A mais perigosa das situações (...) era (...) aquela em que a mulher sabia [que] era bela. Se se perdia na contemplação narcisística, ainda vá: apenas a sua alma estava em perigo. Mas se ela usava isso para seduzir, era o Mal encarnado” (SANTOS apud LECLERCQ, 1990).

“A inocuidade da beleza só a virgem a possui” (SANTOS apud LECLERCQ, 1990), nem sempre a Beleza era algo negativo, mas somente para aquelas que conseguiam ser mais fortes que sua carne, deixar o espírito vencer, isto é, masculinizarem-se, ou para a Santíssima Virgem, um ser supra-humano para os padrões



da prelazia. Essa naturalidade da beleza divina e sobrenatural não era para as mulheres terrenas: as santas lutavam muito para tentar suplantar-se e alcançarem tais ideais.

Inominada possuía Conhecimento e Beleza, e, ainda, conhecimento da própria beleza, usando todos os atributos para seduzir seu irmão, ideologicamente, era o “mal encarnado”, era quem poderia desestruturar “as três ordens”¹², a tão estimada *Ordo Rerum*, de Agostinho. Esta sim era o modelo que, segundo se verá, construiu-se no medievo, retratada na DSG, e será obra acabada no *Malleus Malleficarum*.

É significativo que Inominada dê luz à besta: uma bruxa traz o demônio ao mundo, pois copula, partilha idéias com o diabo. Como no salmo: “o ímpio deu luz à iniquidade”. Assim todas as bruxas deveriam ser destruídas, por representarem não só a presença do demônio no mundo, mas as principais multiplicadoras dele, a mãe das “Bestas Ladrador”.

Continuemos a análise, mas antes, falemos um pouco do *Malleus Malleficarum*.

O *Malleus Malleficarum* (MM)

Este é o segundo elemento de análise da presente pesquisa, para que finalmente possamos conjugar tais idéias e resgatar o rosto de Inominada como uma imagem precursora da Bruxa, dentre tantas projetadas pela literatura medieval clericalizada.

O MM é um dos sumos representantes da cultura erudita, já de fins do que, didaticamente, é delimitado como Idade Média. É escrito em 1484 por James Sprenger e Heinrich Kramer, baseados no *Fornicarius* de John Nider, de 1435. Esta obra é emblemática, pois seus autores foram considerados autoridades pelo papa Inocêncio VIII, estava implantada, oficialmente, a caça às bruxas. Estava escrita a obra que por trezentos anos será citado nos autos de todos os julgamentos do Santo Ofício.

O MM é de conteúdo misógino, baseando-se principalmente no Gênesis II e na figura de Eva para justificar o seu ódio contra a mulher. Novamente, as fraquezas do sexo feminino, quase lugar comum entre a prelazia medieval, virão à baila: luxúria, infidelidade, ambição, fraqueza carnal, lascívia, credulidade, indiscrição,

¹² DUBY, Georges. Guerreiros e Camponeses. Lisboa: Estampa, 1993.



impressionabilidade; “são essas as características que levariam as mulheres perversas à bruxaria” (MALEVAL, 2004). Além disso, salienta-se:

Num mundo teocrático¹³, a transgressão da fé era também transgressão política, mais ainda a transgressão sexual, que grassava solta entre as massas populares. Assim, os inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso. (...) Nesse livro fica testemunhada de maneira inequívoca a satanização da sexualidade, base da misoginia da cultura ocidental. Uma satanização que tem sua primeira expressão no capítulo II Gênesis e sua mais aguda concretização no Malleus Malleficarum. (MURARO, 2000)

A obra é dividida em três partes¹⁴:

- 1) Primeira Parte: Das três condições necessárias para a bruxaria: O Diabo, a Bruxa e a permissão do Deus Todo-Poderoso;
- 2) Segunda Parte: Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados;
- 3) Terceira Parte: Que trata das medidas judiciais no tribunal eclesiástico e no civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges/ Que contém XXXV questões onde são clarissimamente definidas as normas para a instauração dos processos e onde são explicados os modos pelos quais devem ser conduzidos, e os métodos para lavrar as sentenças.

A seguir destacam-se as teses principais do MM, baseados em resumo feito por Muraro em *Textos da Fogueira* (2000):

- 1) O Demônio procura fazer o máximo de mal aos homens, granjear suas almas para si: tudo com a permissão de Deus;
- 2) O mal é feito, principalmente, através do corpo, único *locus* em que o demônio pode entrar, visto que “o espírito [do homem] é governado por Deus, a vontade por um anjo e o corpo pelas estrelas” (SPRENGER; KRAMER, 1991). As estrelas são inferiores aos espíritos, por isso, só o corpo pode ser dominado;

¹³ Nem todos os especialistas concordam com tal assertiva.

¹⁴ Retirado de: SPRENGER; KRAMER, 1991.



- 3) É pela sexualidade que o demônio se apossa das pessoas;
- 4) Pelo fato de serem, essencialmente, ligadas à sexualidade (carne), as mulheres são os canais por excelência do demônio (feiticeiras);
- 5) A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é COPULAR COM O DEMÔNIO. Satã é o senhor do prazer. Assim está selada a entrega da bruxa ao demônio;
- 6) Uma vez obtida a intimidade demoníaca as feiticeiras tem o poder de evocar todos os males: impotência masculina, paixões desordenadas inextinguíveis, abortos, consagração de crianças a Satã, devastação de colheitas, doenças em animais, remoção de órgãos masculinos, infertilidade de mulheres, etc;
- 7) Tais pecados são piores dos que os de Lúcifer, anjo rebelde e os de Adão e Eva, dado que as feiticeiras não pecam só contra Deus, mas também contra o Redentor, portanto esse crime é imperdoável e só pode ser resgatado por meio de tortura e morte violentas.

Assim, já é possível lançar alguns vislumbres sobre a perspectiva da Bruxa e da Cópula com o diabo em MM, para, daí, propormos a análise do episódio d'A *Demanda do Santo Graal*.

A Inominada, o gérmen da Bruxa do *Malleus Malleficarum*

Ao verticalizar a análise na Filha do rei Hipômenes é possível vislumbrar o modelo de bruxa promovido no MM. Abordemos ambas as obras passo a passo.

Como já foi dito, Inominada tem um dos piores defeitos femininos para a teocêntrico-fundamentalista sociedade repressora: o conhecimento. Isto é, por inteligência e curiosidade (outro defeito próprio da mulher), ela é superior a um homem, seu irmão Galaaz, mais inteligente que o modelo santo-virginal que ele encarna. Galaaz não é conspurcado pela sexualização, representa o exato oposto de sua irmã: o modelo acabado do homem como ícone do racionalismo, do espiritual e ascético, isto é, completamente díspar do modelo representado por sua irmã.



Ainda no que concerne ao conhecimento, dentre as “sete artes” aprendidas a preferida moça é a necromancia, que é a arte pagã oracular de invocar os mortos e fazer uso de seus atributos extracorpóreos para benefício próprio ou para consultas divinatórias: é uma interdição bíblica seriíssima, prevista em livros do Pentateuco e em missivas neo-testamentárias, a Igreja considerava tal prática como pecado mortal. Ademais, a princesa usa o seu conhecimento para o mal, como que lança mão de sortilégios para obter o amor de seu irmão: “Ela **tentou todas as maravilhas que pode, tanto pela ciência quanto por outra coisa** para o ter (...)”. Seria Inominada já iniciada em magias rituais pagãs para a obtenção do amor? Parece-nos que sim.

Outra característica que chama a atenção é o fato de o autor sublinhar o amor excessivo da dama pelo “mundo”, implicando uma paixão pelo que é contrário ao divino. Binômio que fica claríssimo nas missivas paulinas: aspirações mundanas x aspirações celestes, carne x espírito. Ao afirmar o seu amor excessivo pelo mundo, o autor nos diz, cifradamente, que a princesa é totalmente entregue ao domínio da carne, visto que o tom de crítica moral é claro “**tinha maior gosto pelo mundo do que deveria ter**”. Além disso, associa a isso um defeito feminino ao qual nos referimos anteriormente: beleza e, sua coseguencia, alegria. Há, até agora, uma convergência equacional clara: inteligência, mundanismo, falta de sobriedade (liberdade – pecado feminino) e beleza.

Sobre as incidências acima relacionadas assim diria o MM: “e tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *Femina* vem de Fe e Minus, por ser a mulher **sempre mais fraca**, em manter e preservar a sua fé. E isso decorre de sua própria natureza (...)”¹⁵

Inominada mostra-se criatura facilmente suscetível ao demônio por ser exacerbadamente sexualizada. Não há embaraço com o tabu do incesto, mostra-se, assim, total e completamente imoral: ainda incita o seu irmão a comungar de seu monstruoso pecado. Sobre isso comentam os inquisidores: “A mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia por suas abominações carnis” (SPRENGER; KRAMER, 1991).

www.veredasdahistoria.com

¹⁵ Este estudo etimológico constitui falácia.



Outro signo importantíssimo de imoralidade é a decisão e tentativa de suicídio: o pecado mais grave do cristianismo medieval, isto é, a negação total do Criador e da vida, tendo por inexorável castigo o Inferno e seus tormentos eternos. Também se pode atribuir isso à fraqueza de caráter inerente ao feminino.

A partir daí, a Princesa Inominada vai num *crescendum* espetacular em sua relação com o Maligno. A obscuridade já fazia parte de sua vida: de acordo com a ideologia clerical, Inominada já era a conjugação dos males femininos em si. Ao fazer o seu pacto com o demônio, torna-se a bruxa pela cópula demoníaca, chega ápice da feitiçaria, ela passa a ser um símile do demônio (SPRENGER; KRAMER, 1991). O amor, que poderia servir de mínima justificativa desaparece da história, as trevas tomam completamente a alma da bruxa. Grávida do demônio (como no salmo: “o ímpio concebeu a maldade e deu à luz a iniquidade”), configurada ao diabo: lança-se mão da simbologia cristã corpo de Cristo/corpo do comungante ou da concepção virginal de Jesus Cristo. Transmuta-se em mãe dos monstros, como Caribde ou Equidna da mitologia clássica, dá à luz a própria besta, no que poderia ser uma personificação satânica do feminino, personificação da própria Lilith, a serpente, a sombra mãe de todos os demônios, parte do lendário mítico que passa ao cristianismo por meio semítico.

Assim, a sombra do Maligno já reside em Inominada, sua função está cumprida, o maleficium está feito, e com o sangue inocente e virginal de seu irmão sua união está selada. Daí para frente, após o nascimento da Besta Ladrador, que causará a morte de inúmeros justos, cavaleiros-santos, virginais, é possível para o leitor constatar, de forma impactante, os danos inúmeros que a feitiçaria pode causar.

Sobre isso diz o MM: “Uma prática comum a todas as bruxas é a cópula carnal com os demônios”. “O demônio assume uma forma (...) material, na medida em que possui, por condensação uma propriedade terrosa”, “Não sendo estéril [a bruxa] o demônio dela se aproxima para dar-lhe o prazer carnal que é conseguido pela bruxa (...) O demônio é capaz de possuir o sêmen extraído de algum homem e, sem demora, o há de injetar para contaminar-lhe a progênie”. O ápice da cópula com o demônio é o orgasmo, que seria para os inquisidores o mais sério pecado passível de se cometer. A cópula com o diabo é o tema central desse episódio e da adesão da bruxa ao mal, é o que



sela o acordo maléfico. Dessa cópula outras bruxas seriam geradas ou uma “progênie infectada”, como no caso da DSG, que é a Besta Ladrador o produto da hedionda relação sexual – pactual.

Em suma, tudo o que está em *A Demanda do Santo Graal*, no Episódio da Filha do rei Hipômenes, pode ser encontrado no *Malleus Maleficarum*. Aqui, enumeramos somente alguns dados analógicos levantados, mas numa análise mais atenta, outros muitos dados poderiam ser encontrados. Como parâmetro de comparação não se indica somente a DSG, mas outras obras que também possuem personagens femininas como a Princesa Inominada.

Considerações Finais

O presente artigo buscou, além de promover um comparativismo entre ambas as obras, *A Demanda do Santo Graal* e o *Malleus Maleficarum*, contextualizá-las, mesmo que resumidamente, no universo em que foram produzidas.

Assim, termina-se esta breve pesquisa corroborando com a idéia de Maria do Amparo Tavares Maleval sobre a questão das bruxas: “Esse perfil estigmatizado de mulher foi uma construção de séculos, delineando-se em vários textos”. E ainda completando tal assertiva, poder-se-ia tomar os textos literários ficcionais produzidos no medievo, não como “delineadores de uma mentalidade”, mas como “formatados”, “delineados pela ideologia clerical”. Que, como tantas outras, pode ser identificada nesta singular obra de arte sincrética, produzida na Idade Média.

Dessa forma, enxerga-se que o protótipo da bruxa, apesar de ser um estereótipo da chamada Idade Moderna, é um construto que vinha sendo, lentamente, edificado pela sociedade teocêntrico-fundamentalista, repressora, já no período medieval.

E o que fica patente é que *A Demanda do Santo Graal*, assim como outras obras literárias produzidas no medievo são ricos mananciais para o estudo das humanidades. Demonstrando que o período medieval é riquíssimo e determinante, no que tange à formação do homem contemporâneo. Tal estudo do medievo não se restringe só ao campo histórico, mas literário, filosófico, sociológico e, até mesmo, lingüístico.



Bibliografia

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2001.

BEATTIE, Tina. *Redescobrimo Maria a Partir dos Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

BLOCH, Howard. *Misoginia Medieval a Invenção do Amor Atual*. São Paulo: 34, 1995.

CURTIUS, Ernest R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Brasília: INL, 1979.

DUBY, Georges. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FOUCHER, Jean-Pierre. *Prefácios in TROYES, Chrétien. Romances da Távola Redonda*. (Trad.) Rosemary Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANCE, Marie de. *Lais de Maria de França*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO Jr., Hilário. *Idade Média no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FURTADO, Antônio L (trad.). *Aventuras da Távola Redonda: Estórias Medievais do Rei Artur e seus Cavaleiros*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Francisco. *“A Influência da cultura celta na postura das Personagens Femininas de Novelas de Cavalaria: Em busca da essência céltica na construção de Guinevere, Viviane, Morgana e outras figuras femininas da literatura Arturiana”*. Monografia de Conclusão (Graduação em Letras Português e Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Católica de Petrópolis, 2007.



HARVEY, Vera. *O Cavaleiro da Carreta e seu Universo in Lancelote, O Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

HOOG, Armand. *Prefácio in TROYES, Chrétien. Perceval ou O Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum – O Martelo das Bruxas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LACEY, Robert; DANZIGER, Danny. *O Ano 1000: A vida no final do primeiro Milênio*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval*. 4. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1956.

LEGOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MALEVAL, Maria do Amparo. *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico*. Galiza: Laidvento, 1995.

_____. *Representações diabolizadas da Mulher em Textos Medievais in* DAVID, Sérgio Nazar (org.). *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

MURARO, Rose Marie. *Textos da Fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.

MEGALE, Heitor (Trad.). *A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor LTDA., 1992.

MICHELLI, Regina. *O perfil masculino em Demanda: o poder do Rei, o dever do cavaleiro, o saber do eremita in* MALEVAL, Maria do Amparo (org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

MONGELLI, Lênia Márcia. *A Novela de Cavalaria: A Demanda do Santo Graal in* MOISES, Massaud (dir.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1992.

MOORE, Robert. *La Formación de Una Sociedad Represor: Poder y Disidencia en La Europa Occidental*. Barcelona : Crítica, 1989.

NUNES, Irene Freire (ed.). *A Demanda do Santo Graal*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

NOGUEIRA, Anabela. *Roger Sherman Loomis: Uma Perspectiva Celtizante da Literatura Medieval*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesas) – Universidade do Minho, Braga, 2004.



PASTOREAU, Michel. *Nos tempos dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

POWELL, T. G. E. *Os Celtas*. Lisboa: Verbo, 1965.

ROSENFELD, Kathrin. *Figuras do Amor Medieval in O Amor na Literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

SANTOS, Luiz Felipe. *A Mulher como representação do Bem e do Mal n' A Demanda do Santo Graal e n' A Divina Comédia*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 6. ed. Porto: Porto Editora LTDA, s.d.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: a Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Psicologia, 1985.

SILVA, Andréia C. L. Frazão. Reflexões sobre o uso d categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003) In: <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/GeneroBrasil.pdf>. Acesso em 22 dez. 2008.

SPINA, Segismundo. *Iniciação na Cultura Literária Medieval*. Rio de Janeiro: Grifo, 1973.

TROYES, Chrétien. *Eric e Enide*. (Trad.) Rosemary Abílio in *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Ivain, o Cavaleiro do Leão*. (Trad.) Rosemary Abílio in *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Lancelote, O Cavaleiro da Carreta*. (Trad.) Vera Harvey. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ZIERER, Adriana. *Artur: de Guerreiro a Rei-Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas*. In: BRATHAIR. Revista Eletrônica de Estudos Celtas e Germânicos, 2 (1), s.l. 2002. Disponível em http://www.brathair.com/Revista/N3/Rei_Arthur.pdf. Acesso em: 18 mar. 2007.

ZINK, Michel. *O Graal, um mito de salvação*. In: BRICOUT, Bernadette (Coord.). *O olhar de Orfeu: os mitos literários do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Prefácio a Abelardo e Heloísa in Correspondência de Abelardo e Heloísa*. (Trad.) Luciana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2009
www.veredasdahistoria.com

Vol. 2 - Ano II - Nº 1
ISSN 1982-4238

Veredas da História



www.veredasdahistoria.com